

# RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

Vergueiro, Laura, *Opulência e miséria das Minas Gerais*.  
2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Res. por Carlos Roberto Figueiredo Nogueira  
Departamento de História — FFLCH/USP

Publicado agora em sua segunda edição que veio dirimir uma série de falhas de revisão e editoração, o presente trabalho de Laura Vergueiro aparece como um dos pequenos livros à disposição do público em geral que preenche com objetividade a proposta da coleção “Tudo é história”.

Estudiosa da pobreza mineira no século XVIII procurou a autora, em sua dissertação de Mestrado (*Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII*, Rio de Janeiro, Graal, 1982), recuperar o contexto da marginalidade, dos vadios que gravitam em torno das Minas e o significado de sua exclusão, embutidos no próprio processo de gestação da opulência das Gerais. Dentro desta perspectiva, a escolha de Vergueiro para compor um livro de caráter introdutório, que desperte o interesse do grande público e de neófitos em estudo de História do Brasil, eliminando idéias preconcebidas e suscitando novos ângulos de abordagem, é extremamente oportuna.

Embora a proposta da coleção se traduzir no corpo do trabalho, em sacrifício e aligeiramento de certos temas é com bastante objetividade que a autora busca a delimitação do contexto em que se inscrevem as Minas Gerais desde a sua descoberta até a instalação efetiva do garimpo, sem descuidar da demonstração — ainda que restrita aos limites impostos pela série — de uma problemática específica, gestada dentro da coletividade mineira que sintetiza pela sua grandeza, sublinhando marcadamente os contrastes, a própria essência da colônia.

Em busca da totalidade em que se inscreve a empresa mineradora e os homens que em torno dela gravitam, procura Laura Vergueiro em um primeiro capítulo, resgatar no imaginário feudal, as imagens míticas que presidiram as primeiras prospecções, particularmente o sonho do Eldorado e as suas variações locais, ao sabor das quais iniciam-se as expedições exploradoras que superando as misérias do real pela ansiedade das riquezas, culminam no encontro das tão sonhadas — se bem que ao nível da realidade bem menos opulentas — Minas Gerais. Ainda dentro deste universo imaginário são mostrados, como antítese necessária, os mitos depreciativos que localizavam a nova terra e o homem que nela habitava, em um plano inferior, unindo e justificando ao nível do mental as atividades de prospecção e preação, na prática estreitamente vinculadas. Problemática apaixonante, que lamentavelmente é truncada atendendo-se às delimitações impostas pelo trabalho.

O segundo e o terceiro capítulos, com um caráter mais descritivo, esboçam um breve histórico da Capitania desde as primeiras notícias do ouro até a sua organização definitiva, com toda a problemática gerada pela atividade mineradora em expansão.

Quadro extremamente conflituoso onde tumultos e convulsões aparecem como materializações de contínuas crises generalizadas de carestia e fome, provocadas por um constante afluxo populacional isolado de um crescimento proporcional de uma infra-estrutura de abastecimento, situação que torna as Minas, no século XVIII, o centro da inflação da Colônia. Dentro desta perspectiva, é que se tornam mais perceptíveis as origens de revoltas, tradicional e ufanisticamente explicadas como brotes de sentimento nacionalista — como a Guerra dos Emboadas — recolocadas em um contexto mais objetivo, o das tensões constantes entre mineradores e fornecedores de gêneros.

Campeiam a violência e os desmandos nas Gerais, colocando em risco a integridade a subordinação da região ao domínio da Metrópole. Situação impensável para aquela capitania que surgia como a maior possibilidade de ganho para o Império Colonial Português, o que leva à Coroa, no afã de normalização da coletividade mineira, a lançar mão de soluções e fórmulas para integrar as Minas ao aparelho administrativo colonial, subordinando-as mais diretamente às decisões da Metrópole.

Descreve a autora as tentativas de organização da capitania, como a criação de um núcleo de poder local e o controle — medida crucial — sobre a riqueza, com a montagem de um aparelho fiscal que se apresente eficaz. Tentativas que redundam numa incansável voracidade do fisco, cujas fórmulas aplicadas contribuem mais e mais para aumentar a desigualdade de riqueza, gerando uma pauperização forçada da maioria da população

que não consegue arcar com a intensidade e onnipresença dos impostos, aumentando a possibilidade de revolta contra o poder metropolitano, nas palavras do Conde de Assumar: “a terra parece que evapora tumultos; a água exala motins; o ouro toca desaforos; destilam liberdades os ares; vomitam insolências as nuvens; influem desordens os astros; o clima é tumba da paz e berço da rebelião” (pp. 37-8).

O capítulo seguinte, o mais dilatado da obra, remete-nos à problemática central do texto: revendo a historiografia tradicional que mostra um quadro ideal da Minas Gerais, onde a riqueza se distribuiu de maneira mais harmoniosa originando uma sociedade democrática e de anseios igualitários, Laura Vergueiro analisa, ainda que de modo sintético, a estrutura econômica da Colônia, demonstrando a pouca capacidade da economia mineira de gerar segmentos produtivos locais, uma vez que atrelada a uma importação crescente de gêneros de abastecimento, demonstrando numericamente que a possibilidade de fortuna foi uma perspectiva reservada a um reduzido estado da população e um imenso engôdo para a maioria.

A formação social das Gerais surge então em uma nova perspectiva: uma economia de baixos níveis de renda, originando uma sociedade mais aberta, de outro modo, a constituição democrática na formação social mineira originou-se da divisão da pobreza.

O horizonte da riqueza é outro: as grandes fortunas se constituem ao redor das minas, ou seja dos ganhos do comércio e não dos resultados das lavras.

Neste contexto, intermediários e altos funcionários da administração real, compõem a camada dominante, em sua maioria absorvidos pelo Poder Central ou submetidos à sua esfera de influência. A seu lado convivem a maioria dos habitantes das Minas, alijados por sua incapacidade econômica das grandes explorações, sobrevivendo das limitadas possibilidades que lhes restam. Dentro destes limites são demarcados os grupos sociais e as atividades a eles ligadas, sendo analisados com maior vagar os “desclassificados do ouro” e a sua importância (ou desimportância?) no contexto minerador, ficando patente a fragilidade das demarcações sociais abaixo da minoria opulenta, bem como todo o contexto de revolta e violência implícitos em seu enquadramento social.

Em sua conclusão, a autora intitula Minas Gerais como a síntese da Colônia, onde todo um “falso fausto” presidia à extrema e generalizada miséria originária de uma voracidade constante da Corôa, que não poupava esforços, em detrimento da população, para extrair o máximo possível. Ali, sob a perspectiva de um lucro exorbitante o poder metropolitano atinge a sua maior complexidade denotando — em razão mesmo deste aprimoramento — a sua incapacidade e as sérias deficiências do sistema colonial

português no Brasil. Produto dessa situação econômica ímpar a sua formação social espelha em traços bastante nítidos o processo de formação da sociedade colonial brasileira. É nessa síntese da colônia onde os paradoxos do sistema colonial se engrandecem e se aclaram onde se assistirão as primeiras tentativas de criação cultural bem como as primeiras idéias de negação do sistema colonial: “porque tirando-se dele tanto ouro e diamantes nada lhe ficava e tudo saía para fora, e os pobres filhos da América, sempre famintos, e sem nada de seu”.

Restaria ainda, uma vez que o final da obra é dedicado a indicações para a leitura, reclamar da autora à guisa de crítica, uma maior quantidade destas indicações, dentro das quais estranhamos sobremaneira a ausência das obras de Germain Bazin, fundamentais para a compreensão do Barroco Mineiro, bem como da própria obra de Laura Vergueiro, acima citada, que vem preencher uma importante lacuna historiográfica, às quais poderiam remeter-se os leitores interessados em um maior aprofundamento da questão, uma vez que este pequeno livro, em virtude das já citadas limitações de seu contexto de publicação deixa-nos uma série de indagações e um “querer mais” que o reduzido espaço do texto não nos permite saciar.